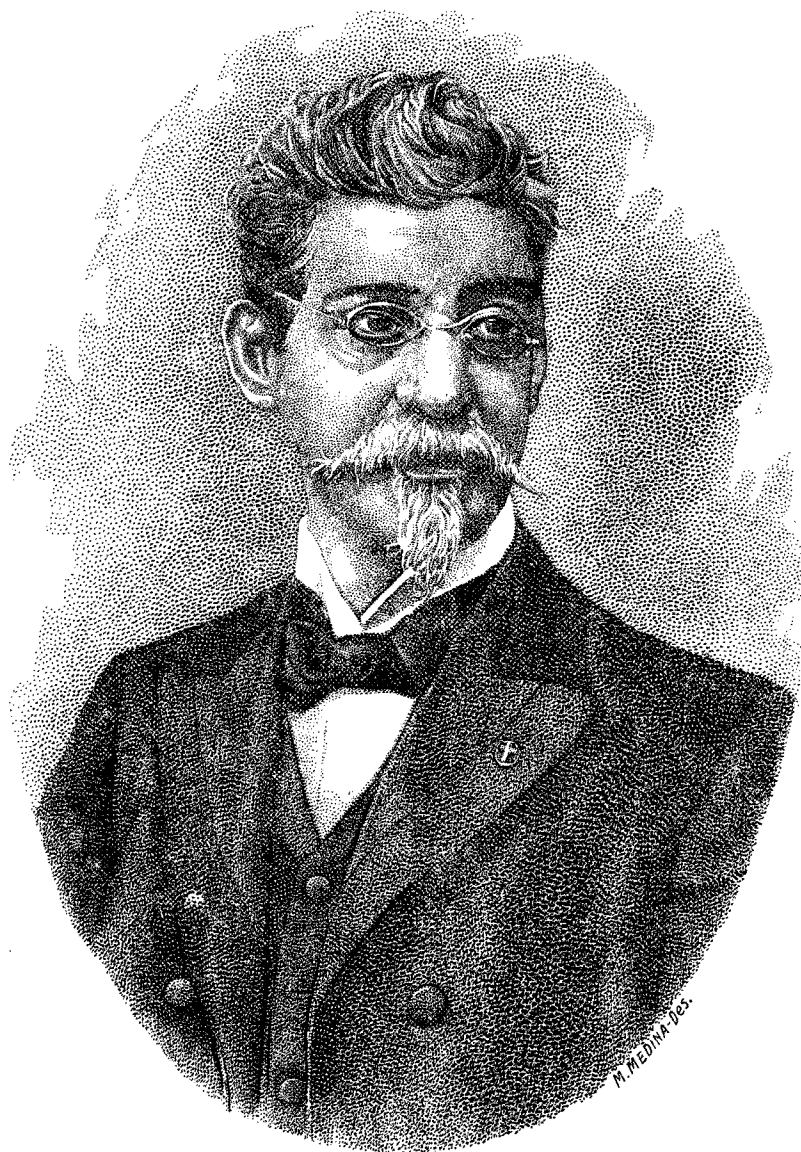


VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL



*J. Barbosa Reis*

## BARBOSA RODRIGUES

(1842-1909)

**N**ÃO são recentes as íntimas relações da geografia com a botânica e a zoologia. A um naturalista, consumado botânico, deve mesmo o aparecimento de um dos seus mais importantes setores de estudo — a fitogeografia.

Foi pela botânica, que HUMBOLDT penetrou na geografia para não mais desligar seu nome do progresso da ciência que ajudara a definir.

Graças à sua Flora Brasiliensis, MARTIUS incorporou-se definitivamente ao conhecimento do Brasil, estudando-o, botânica, etnográfica e até geograficamente, tendo por isso, sua homenagem nesta Revista. E JOÃO BARBOSA RODRIGUES, "a figura mais proeminente entre os naturalistas que nasceram no Brasil", como o classificou VON IHERING, ocupando-se igualmente da botânica, da etnografia e da arqueologia brasileiras, foi, além de tudo isso, investigador minucioso na Região Amazônica, após ter recebido do Governo Imperial, em 1871, a honrosa incumbência de explorar os vales de vários rios pertencentes àquela bacia, tarefa de que se saiu galhardamente, durante os três anos em que percorreu grande parte do Amazonas e Pará.

Nascido em 1842, BARBOSA RODRIGUES, foi acima de tudo, biólogo de incontestável merecimento, "comparável ao seu grande colega MARTIUS".

Em 1869, terminado o curso de letras, empregava-se a fundo na realização do seu primeiro trabalho botânico que consistiu na monografia das orquídeas do Brasil, compreendendo 17 volumes, com mais de mil estampas coloridas, concluída em 1871 e intitulada *Iconographie des orchidées du Brésil*.

Enviado ao Amazonas e Pará, explorou os vales dos rios Tapajoz, Urubú, Jatapú, Uatumá, Trombetas, Iamundá e Capim, publicando cinco relatórios, cujas edições foram esgotadas em poucos meses (1873).

Tendo sido encarregado de completar, corrigir e anotar o Genera palmarum, de MARTIUS, BARBOSA RODRIGUES, prosseguiu nos estudos das palmeiras, escrevendo várias monografias, e o início da obra clássica, com 174 estampas, aquareladas pelo próprio autor, constante de dois volumes — *Sertum Palmarum Brasiliensium* — publicados pelo Governo em 1903.

Sua obra, constante de 85 volumes, é considerável. Podem, entretanto, figurar como das mais expressivas, no domínio da botânica, Mirtáceas do Paraguai, *Palmae Mattogrossensis*, *Enumeratio Palmarum Novarum*, *Genere et Spc. Orchidearum*, e o *Sertum Palmarum*, naturalmente, onde 382 espécies aparecem estudadas, excluindo as variedades, das quais 166, ou seja a metade, foram descobertas por BARBOSA RODRIGUES. Além disso, no periódico *VELÓSIA*, deu a público os resultados de suas investigações botânicas no Amazonas, durante o tempo em que foi Diretor do Museu Botânico, daquela unidade do país. (1883).

Nomeado Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em 25 de Março de 1890, permaneceu à testa do mesmo, até a sua morte, em 6 de Março de 1909.

Em matéria de etnografia prestou grandes serviços ao país, enriquecendo o conhecimento das línguas indígenas, com numerosas contribuições, sendo a Foranduba significativa a este respeito.

Colecionando exemplares de Muyrakitans, artefatos de pedra polida zoo e antropomorfos, ou coligindo informações sobre as tribus selvagens, com as quais entrara em contacto, catequizando e aldeando os Crichanás, BARBOSA RODRIGUES foi um trabalhador infatigável.

No setor geográfico de sua grande e atormentada atividade, embora não fôsse um especialista, realizou explorações e observações científicas de inegável valor. No estudo do rio Urubú e vila de Silves, ao lado de expressões em que ressalta modestamente o seu "pouco saber", demonstra probidade científica na desincumbência da difícil missão geográfica.

Na exploração e estudos do rio Tapajoz, observa usos e costumes e refuta a fantasia de BATES, em *The naturalist on the Amazonas*.

No curso inferior do rio, não somente se preocupa com a vegetação: aprofunda as indagações sobre os extintos índios Tapajoz, explorando a Serra de Piquiatuba, no lugar Taperinha. Em seguida investigou os sernambis das redondezas e abordando a questão do lançamento do Tapajoz, no Amazonas, mediante delta, contesta peremptoriamente o fato, com argumentos baseados na vegetação e na diferença da flora e fauna entre o Tapajoz e o Amazonas.

Nos rios Urubú e Jatapú faz história e etnografia, critica LIAIS, em matéria de etimologia nomenclaturista, dá nomes a localidades e levanta a planta do primeiro citado curso d'água.

Explorando o curso e riquezas naturais do Jatapú, afluente do Uatumá, habitado pelos Pariquís, mostrou-se satisfeito por se tratar de um dos mais desconhecidos rios do Amazonas e por haver encontrado novidades para a ciência, ao desfazer, por exemplo, erros contidos até em publicações oficiais, a propósito da embocadura do rio.

O relatório referente ao rio Trombetas, escrito em Óbidos, em Abril de 1874, encerra farta descrição geográfica, de vez que, com exceção de R. SPRUCE, jámais havia sido aquele rio, até a época, explorado por um naturalista.

Mostrando como era conhecido, descrevendo, segundo a derrota da viagem, resumindo geograficamente o curso, BARBOSA RODRIGUES realizou depois do rio Iamundá, na foz do Caldeirão, importantes investigações, entre as quais sondagens, tomadas de temperatura, exames de correntes e os efeitos das enchentes do Amazonas sobre o comportamento dos terrenos na área correspondente às embocaduras fluviais.

Em Outubro de 1874, explora o Alto Iamundá, deixando para os estudos do rio Capim, a cidade de Óbidos, que funcionara como centro das explorações, durante algum tempo da sua estadia, na Amazônia.

No Rio Capim estudou a geografia, a história e a etnografia da região, tendo ainda observado a pororoca, cuja causa demonstrou, mediante figuras imaginárias, representado um plano vertical — longitudinal e outro vertical — transversal.

Os últimos trabalhos de BARBOSA RODRIGUES, pouco antes de morrer, foram o estudo da diminuição das águas no Brasil e o livro acerca dos vulcões e tremores de terra no mundo.